

Actas do
I congresso do 

Lisboa, 1, 2 e 3 de Outubro de 1987
Fundação Calouste Gulbenkian

FICHA TÉCNICA

Título: *Que Tejo, que Futuro? — II*

Editor: *Associação dos Amigos do Tejo*

Composição, impressão e acabamento: *Guide - Artes Gráficas, Lda.*

Coordenação: *Natália Pinto.*

Tiragem: *1500 ex.*

Data: *Maio de 1990*

Depósito legal n.º 26 131/89

ISBN 972-95437-1-2

ARTES DE PESCA NO RIO TEJO: DIVERSIDADE ACTUAL E PASSADA

FERRARIA MOREIRA, F. M.;
SEIXAS, S. I. & DIAS, S. M.

Resumo

Pretende-se com o presente trabalho conhecer um pouco da diversidade das artes de pesca usadas no rio Tejo, procurando-se também comparar a sua riqueza actual com a de tempos que só os velhos pescadores lembram.

Para isso deslocámo-nos a algumas localidades existentes ao longo do rio, cobrindo o troço desde o estuário até às barragens de Belver, Castelo de Bode, Maranhão e Montargil, e tentámos descobrir artes de pesca presentes e passadas, usadas nas várias zonas.

Factos a salientar nos resultados obtidos são o desaparecimento de muitas das grandes artes de arrasto, como a varina, a influência das barragens na alteração do tipo de artes usadas, a relação entre a existência de determinada espécie piscícola e a presença de uma arte dedicada essencialmente à sua captura e a existência de «artes novas», não referidas nos documentos antigos.

Um facto inegável é a diminuição da riqueza etnográfica da pesca, tornando-se cada velho pescador um verdadeiro museu de diferentes e variadas recordações que conviria não perder.

A pesca profissional no rio Tejo, no sentido tradicional do termo, é hoje inexistente, ou pelo menos muito rara. Para muitos pescadores que ainda hoje subsistem, a pesca é uma actividade complementar, exercida nas horas vagas de qualquer outro emprego, com o objectivo de aumentar o rendimento familiar ou apenas como passatempo. Por exemplo, na Ribeira de Santarém, a actividade piscatória deixou de existir a partir do momento em que a cultura do tomate se tornou mais rentável.

No entanto, em épocas passadas, a pesca era uma actividade muito importante e a variedade de artes usadas surpreendente. Tentámos pois, neste trabalho, descobrir um pouco do que antes existia bem como a diversidade actual de artes de pesca, através do contacto directo com as populações ribeirinhas.

As localidades visitadas podem ser vistas na *Fig. 1*.

Resultados

Na pesca profissional, podemos considerar 4 grandes grupos de aparelhos: aparelhos de rede, aparelhos de anzol ou fisga, aparelhos de verga ou arame em forma de ratoeira e variedades (classificação baseada em BALDAQUE DA SILVA (1891). As artes encontradas em cada uma destas divisões passam a ser descritas a seguir.

Aparelhos de rede — podem ter redes de 1 só pano (redes simples ou singelas), 2 panos (raramente) ou 3 panos (tresmalhos, geralmente constituídos por um pano central de malha mais estreita — o miúdo — rodeado de 2 panos, um de cada lado, de malha mais larga — as alvitanas).

Este tipo de artes foi o mais encontrado nas saídas efectuadas, e com uma variedade enorme de modalidades e designações.

Um dos tipos de aparelhos de rede mais usados são as *redes de emalhar*.

Assim na zona de C. de Bode (a jusante da barragem) são usados *Tresmalhos* (malhagem — 35 mm), batendo-se com paus na água para afugentar o peixe na direcção da rede.

Em S. de Magos, usam-se *Sabugalhos* (tresmalhos de 25-70 mm de malhagem), referindo-nos um pescador que se juntam geralmente 4 redes, cada uma com 25 braças de comprimento. As redes são colocadas «quando a maré não enche nem vaza», sendo o tempo de permanência na água variável, conforme a corrente. Estes tresmalhos destinam-se principalmente à pesca da saboga.

Em Escaropim, referiram-nos a existência de *Estrumalhos* — tresmalhos com malha mais pequena que os sabugalhos.

Na zona de Caneiras e Tancos existem ainda tresmalhos volantes (não fixos). Referiram-nos ainda, na primeira destas povoações, a existência de *Sabogares* (possivelmente semelhantes aos sabugalhos).

Em Constância, distinguem os sabogares (70 mm) e os tresmalhos (50 mm).

Referências do uso de tresmalhos existem ainda na Chamusca, Alvega, Ortiga, Barreiras do Tejo, Barragem de Montargil, Couço e Avis.

Parecem estar em vias de extinção outros 2 tresmalhos que encontramos na zona de V.F. Xira: a *Savara* (também encontrada no Couço) e a *Branqueira* (malhagem — 55 mm (FRANCA & COSTA, 1984).

Um facto curioso é a diferença existente entre as artes usadas nas zonas de barragem e nos rios correntes: verifica-se que nas primeiras, os tresmalhos típicos são substituídos por *Redes de nylon singelas* que são colocadas a profundidades variáveis e períodos de tempo mais prolongados (de acordo com a época do ano e a espécie a capturar) — em Avis, referiram-nos que estas redes tem 4m de altura e um comprimento máximo de 100m; estas redes são mais resistentes e menos visíveis, segundo os pescadores. Este tipo de arte foi encontrado na zona das barragens de C. de Bode, Montargil e Maranhão.

Outro tipo de aparelhos de rede — *aparelhos de rede envolvente* — (em que o peixe fica aprisionado na rede, e não emalhado) vão rareando cada vez mais, estando alguns já extintos.

É este o caso da *Varina*, uma grande rede de arrasto que tinha cerca de 80m de comprimento. Segundo um pescador de Chamusca, esta arte, que desapareceu há mais de 30 anos, tinha no meio da rede um saco de 1-1.5m de diâmetro, possuindo nesse sítio boias diferentes das restantes. A varina era lançada de um barco com 3 pessoas, uma a manejar o barco e duas para a rede. Ficava em terra um cabo comprido (reçoelho) e o barco atravessava o rio, fazia um cerco e voltava para terra, sendo geralmente puxada por elementos de várias famílias. O cabo que

ia no barco chamava-se «mão da barca». Esta arte destinava-se essencialmente à captura de sável.

Referências da varina foram também encontradas em Caneiras, Barreiras do Tejo e Tancos.

Semelhantes às varinas mas mais pequenos são as *Chinchas* ou *Chinchorros* (BALDAQUE DA SILVA (1891) faz distinção entre estes 2 tipos de artes mas nesta zona são consideradas sinónimos), de que encontrámos referência em Chamusca.

Em Avis, existem ainda recordações de outro tipo de rede de arrasto extinta: a *Varredoura*, feita com bocados de redes de mar com malhagem de 17-18mm.

Na zona do Couço, o *Rojão* era uma rede de arrasto que era seguida por outra rede, o *Saltador*, que impedia que o peixe que saltava por cima do rojão fugisse.

Arte muito usada na zona de V. F. Xira é o *Arrastão*; consiste num saco de rede montado em 2 patins de ferro e numa vara de madeira que nalguns casos chega a atingir 8m de comprimento. Este arrasto é puxado por barcos (FRANCA & COSTA, 1984).

Outro tipo de aparelhos de rede envolvente de nomenclatura extremamente variada são as *Nassas* e similares.

Por exemplo, em C. de Bode, um pescador referiu-nos que utilizava uma arte designada *Paxeca*, semelhante a uma nassa grande e possuindo um nassinho (nassa pequena) no interior; esta arte destina-se à pesca da lampreia. Também nesta localidade se usa o *Biqueirão* — «nassa usada para o peixe de arribação»; pode deixar-se na água 3 ou 4 dias e podem colocar-se 5, 6 ou 7 aparelhos ao mesmo tempo, numa acção a que se designa «caçada».

Em Chamusca, um pescador referiu-nos que existem 4 aparelhos muito semelhantes: *Bitorões*, *Galrichos*, *Traquetes* e *Nassas*, que diferem uns dos outros por terem uma malhagem sucessivamente mais pequena. Este facto é confirmado por SALVADO (1985).

Referências de Nassas ou similares foram também encontradas em B. do Tejo, Alvega (onde já não são usadas), Tancos, Caneiras (onde também se chamam narças), Escaropim (Narças, Galrichos e Butorões) e S. de Magos (onde também existem Traquetes), V. F. Xira, Avis (onde o Botirão já extinto, era chamado *Rojão*) e Couço (*Vitorão* = Botirão).

Este tipo de artes tem tendência a desaparecer das zonas de barragem, a não ser nalgumas zonas menos fundas.

Um tipo de artes muito peculiar, porque nova, é a «*Nassa do Holandês*», que encontrámos em V. F. Xira; introduzida por um holandês, a sua estrutura é semelhante à da Cabaceira referida por BALDAQUE DA SILVA (1891), tendo de ambos os lados do pano uma armadilha (correspondente ao saco e buço de BALDAQUE DA SILVA (1891). Cada armadilha tem 4 a 6 nassos (equivalente a buços) e este aparelho põe-se geralmente à noite, indo-se buscar de manhã.

Em Tancos encontrámos referências ao *Camaroeiro*, usado para apanhar o camarão do rio.

Uma arte apenas encontrada em Ortiga foi a *Varela*: consiste num saco de rede entalhado num arco de madeira de forma semi-elíptica. Do fundo deste saco parte um cabo cuja extremidade está na mão do pescador. Quando o peixe entra no saco, ao tocar o fundo deste, o cabo é esticado e o pescador sente. Puxa então a rede para fora da água e retira o peixe que nela ficou preso (BALDAQUE DA SILVA, 1891). Esta arte destina-se principalmente à lampreia.

A *Tarrafa* parece ser uma arte existente em todo o lado, apesar de proibida. Encontrámos alguns pormenores curiosos quanto a esta arte, que pode ser lançada de um barco ou da margem, de dia ou à noite: em Alvega, um velho pescador referiu-nos que existiam 3 tipos de tarrafas — a *de colheta* (a maior de

todas), a *de meia colheta* (de tamanho intermédio) e a *de mão* (a mais pequena). Em Avis, as tarrafas eram lançadas de cima de canavolas (pequenas jangadas feitas de canas) que se moviam silenciosamente. O peixe era atraído pela sombra dessas jangadas.

Outro tipo de aparelhos de rede são os *de estacada*, que são no fundo, aparelhos de rede envolventes fixos apoiados em estacas. Encontrámos referências deste tipo de aparelhos em Escaropim, designando-se *Armações*. Pela descrição fornecida pelo pescador, este aparelho é semelhante ao Tapa-esteiros referido por BALDAQUE DA SILVA (1891). Trata-se de uma rede apoiada em estacas que se coloca nos esteiros (braço de rio ou de mar que se estende por terra); na baixa mar, a tralha inferior (cabo que garante as orlas do pano da rede) é enterrada no lodo do fundo, deixando-se a rede arriada no fundo enquanto a maré enche. Na preia-mar a rede é levantada para que o peixe que desce o esteiro, na vazante, encontre a rede e fique preso nela (BALDAQUE DA SILVA, 1891). Também em V.F. Xira encontrámos referências desta arte, ainda hoje usada.

Aparelhos de anzol ou fiska — Neste tipo de aparelhos, os peixes são agarrados por um anzol ou espetados com uma fiska.

Além das comuns canas de pesca, espalhadas por todo o lado, as referências encontradas para este tipo de arte foram as seguintes:

Em C. de Bode são ainda usadas as *Cordeladas*; esta arte de pesca é constituída por uma linha grossa, designada madre, onde se vão inserir linhas mais curtas, os estrovos, que apresentam na extremidade anzóis (FRANCA & COSTA, 1984). Em Tancos, esta arte toma o nome de *Espinhel*, e é colocada a atravessar o rio.

Em Constância, um outro tipo de arte é usada: as *Fiskas*; estas são compostas por um tridente ou garfo de ferro ligados a um cabo de madeira. São usadas para a lampreia.

Aparelhos de verga ou arame em forma de ratoeira — Um tipo de arte que pode ser enquadrado nesta categoria é chamado Covo em Montargil, Tancos e Avis, e *Nassa* em Ortiga. É feito de verga de salgueiro ou murta, colocando-se no seu interior uma pedra para ir ao fundo. Na sua base existe uma rolha de cortiça por onde se tira o peixe capturado.

Estes Covos ou Nassas são iscados sendo o isco variável (na zona de Montargil usa-se batata e milho; na zona de Tancos caracois e pão).

Em S. Magos, uma outra arte que um pescador local designava de *Colfo* e poderá ser incluída neste grupo, é usada para a enguia, sendo também iscada.

Variiedades — incluem-se neste grupo as artes que pelas suas características não podem ser incluídas nos grupos anteriores.

As artes encontradas que pertencem a esta categoria são:

— *Pesca de Caneiro* (extinta) — consistia num «estrangulamento», numa parte inclinada do rio com pedras e ramos, deixando uma abertura onde se juntam canas. O peixe que vem ao sabor da corrente escorrega pelas canas, ficando em seco. Esta arte era ainda lembrada em C. de Bode e Avis.

— *Esteiros* (extintos) — não eram mais que molhos de bunho com dimensões da ordem de 2×2m, que se deixavam correr ao sabor da corrente. Esta arte era destinada à pesca da tainha, que era atraída pela sombra e tinha tendência a saltar para cima desses molhos.

— *Remolhão* — consiste numa linha em que se enfiam muitas minhocas no sentido do comprimento, de modo a formar uma espécie de colar que se dobra em 3 ou 4 voltas e ata-se no extremo de uma linha. Quando o pescador sente a enguia (espécie-alvo) abocanhar as minhocas, levanta rapidamente o aparelho da

água para a embarcação; a enguia desprende-se e cai (BALDAQUE DA SILVA, 1891). Esta arte foi encontrada em Constância.

— *Rapeta*, *Rede mosqueira* ou *Rabichel* — uma das poucas artes não referida nos livros antigos e hoje em dia em expansão, devido ao elevado lucro proveniente da captura da espécie a que se destina: o meichão ou loura (enguia pequena, da ordem dos 5-7 cm de comprimento).

Esta arte é usada durante 2 ou 3 meses, à noite, a partir de um barco ou da margem, e apenas no troço do rio mais perto da foz (em Tancos já não existe meichão). O seu valor económico é realmente grande atingindo preços da ordem dos 6000\$00 Kg. É muito vendido aos espanhóis que, por sua vez, o revendem a preços da ordem dos 20 000\$00/Kg. A quantidade capturada diariamente pode ir «de nada a 5 kg.»

Encontrámos em Escaropim um pescador que possuía tanques para a preservação do meichão enquanto este não era vendido, o que prova o crescente valor desta nova fonte de lucro.

— artes bem menos interessantes de descrever mas usadas por indivíduos sem escrúpulos que pensam apenas no lucro são a *Pesca Submarina*, o uso de *Bombas* ou *Venenos*. Conseguimos saber que estes meios pouco ortodoxos são usados na zona de C. de Bode, devendo no entanto a sua utilização ser mais generalizada.

Considerações finais

Do que atrás foi dito, podemos tirar as seguintes elacções:

1 — É um facto a diminuição da grande diversidade das artes de pesca descritas por BALDAQUE DA SILVA (1891). As razões para este facto poderão ser as seguintes:

— consequência de medidas legislativas. No entanto, a fiscalização actual é quase inoperante.

— desaparecimento das espécies alvo de algumas artes; caso do sável e da varina.

— pouco rendimento das artes (consequência do ponto anterior) e elevados custos de manutenção.

As razões atrás referidas estarão provavelmente na base do desaparecimento das grandes artes de arrasto.

2 — Apesar do que atrás foi dito, algumas artes antigamente inexistentes foram criadas: é o caso da «Nassa do holandês» e a *Rapeta*, esta última, consequência da descoberta do elevado valor económico do meichão.

3 — É também curioso verificar a substituição das artes tradicionais por artes mais adaptadas à nova fisionomia do rio, quando da construção das barragens: o desaparecimento gradual dos Tresmalhos, Nassas e Botirões e o aparecimento das Redes de nylon singelas.

4 — Torna-se imperioso salvar o que resta do nosso património etnográfico, no que respeita à pesca, verdadeiro motivo de orgulho e prova da capacidade imaginativa dos nossos pescadores.

Agradecimentos

Um agradecimento muito especial ao Sr. Isidro Dias, sem o qual este trabalho não poderia ser efectuado, e à Luisa Viana Rodrigues, pela revisão do texto.

Referências bibliográficas

- BALDAQUE DA SILVA, A. A. (1891) — *Estado actual das pescas em Portugal*. Min. Marinha e Ultramar, Lisboa, Imprensa Nacional, 520 pp.
- FRANCA, M. L. P. & COSTA, F. C. (1984) — *Pesca artesanal na zona Centro da costa Ocidental Portuguesa. Subsídio para o conhecimento do seu estado actual*. Lisboa, INIP (Publicações avulsas n.º 3), 100 pp.
- SALVADO, M. A. N. (1985) — *Os Avieiros nos finais da década de 50*. Castelo Branco, 99 pp.